



Transformações do gênero crônica: análise dos textos publicados na Ilustrada na última década¹

JOHN, Valquiria Michela John (Mestre)²
Pricilla Tiane Vargas (acadêmica)³
Universidade do Vale do Itajaí/SC

Resumo: A pesquisa se propôs a analisar quais as características presentes e quais os principais temas abordados nos textos definidos como crônica no caderno cultural Ilustrada do jornal Folha de S.Paulo. Foram analisadas as crônicas publicadas no caderno no período de janeiro de 2000 a dezembro de 2012, a partir de consulta online às edições impressas do jornal. A análise foi realizada a partir da proposição de Bardin (2004) tendo, portanto, como principal técnica a análise de conteúdo (AC). A seleção do corpus seguiu a proposição da autora quanto à análise do mês composto, neste caso, ano composto, totalizando 12 edições do jornal, cada uma delas correspondente a um dia da semana, mês e ano, o que corresponde a 12 meses, cada um deles referente a um dos 12 anos do intervalo de análise. Em cada uma das edições, foram analisadas todas as crônicas encontradas. Além disso, foi selecionado um intervalo de 45 dias durante os meses de julho e agosto de 2012 de modo a observar a frequência de incidência desse gênero jornalístico no caderno analisado. Foi possível observar que a crônica publicada no caderno cultural do jornal de maior circulação no país mantém a premissa da fidelidade ao cotidiano, entretanto, nem sempre articula esse aspecto à crítica social.

Palavras-chave: jornalismo cultural; gêneros jornalísticos; crônica; Folha de S.Paulo.

Introdução

O jornalismo cultural é uma das várias formas de segmentação do jornalismo, uma das mais antigas. Segundo Piza, (2004) as revistas, incluindo os tablóides literários semanais e quinzenais, desempenharam papel importante na valorização do jornalismo cultural durante o século XX. Essa época foi marcada pela efervescência cultural e as revistas publicavam ensaios, resenhas, críticas, reportagens, perfis, entrevistas, além das publicações de contos e poemas.

Por ser um espaço de formação de opinião, o jornalismo como um todo e o cultural em

1 Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Impressa integrante do 5º Encontro Regional Sul de História da Mídia – Alcar Sul 2014.

2 Jornalista, Mestre em Educação, doutoranda em Comunicação no PPGCOM/UFRGS. Professora do curso de Jornalismo da Univali, pesquisadora do grupo Monitor de Mídia, integrante da Renoi.

3 Acadêmica do 7. Período do curso de Jornalismo da Univali, pesquisadora do grupo Monitor de Mídia.



50 anos do Golpe Militar de 64

*"A história que a mídia faz,
conta ou não conta"*

particular ocupa um papel socializador, exerce uma importante mediação nos modos de representarmos o mundo a nossa volta. Entendemos aqui jornalismo cultural a partir de Gadini (2009), caracterizando esta especialidade jornalística como a que contempla:

(...) os mais diversos produtos e discursos midiáticos orientados pelas características tradicionais do jornalismo – atualidade, universalidade, interesse, proximidade, difusão, clareza, dinâmica, singularidade, etc – que, ao abordar assuntos ligados ao campo cultural, instituem, refletem e projetam modos de ser, pensar e viver dos receptores, efetuando assim uma forma de produção singular do conhecimento humano no meio social onde ele é produzido, circula e é consumido (GADINI, 2009, p. 81).

Conforme apontam Gadini (2009) e Piza (2004), historicamente o jornalismo cultural representa o maior espaço de interpretação e opinião no jornalismo, sobretudo nos jornais impressos, contemplando inclusive gêneros tipicamente definidos (Marques de Melo, 2003) como opinativos, como é o caso das colunas, da resenha cultural e da crônica, foco de análise desta pesquisa.

A crônica é definida por vários autores, entre eles Marques de Melo (2003), como sendo um gênero híbrido, que transita entre o jornalismo e a literatura sendo vista, inclusive, como um gênero tipicamente brasileiro. O autor ainda aponta que as principais características da crônica contemporânea são a fidelidade ao cotidiano e a crítica social embutida. Neste sentido, estudar este gênero no jornal de maior circulação no país representa conhecer também parte de nossa memória, parte de nossa história cotidiana.

Sendo a crônica um gênero opinativo que reflete, portanto, a posição do cronista sobre os fatos cotidianos noticiados nos veículos jornalísticos, a visão de mundo ali retratada contribui para o registro da memória, de uma história cotidiana. Estudar este gênero represente estudar parte da própria história recente do país. Esta pesquisa norteou-se por esta perspectiva e teve como principais metas responder aos seguintes questionamentos: quais as características predominantes nas crônicas publicadas no caderno Ilustrada do Jornal Folha de S.Paulo ao longo da última década? Quais os temas/assuntos priorizados nesses textos? Qual história recente é enfatizada pelos cronistas? Que olhar depositam



50 anos do Golpe Militar de 64

*"A história que a mídia faz,
conta ou não conta"*

sobre nossa história cotidiana?

Diante dessa problemática, a pesquisa teve como objetivo analisar as características e enfoques do gênero opinativo crônica a partir dos textos publicados no caderno Ilustrada do jornal Folha de S.Paulo ao longo da última década. De modo a alcançar este objetivo, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- Identificar os temas/assuntos predominantes no interesse dos cronistas;
- Descrever o espaço destinado à crônica no caderno;
- Elencar os cronistas que escreveram para o caderno durante o intervalo de análise;
- Verificar o cumprimento das características inerentes ao gênero;

Percursos da pesquisa

O corpus de análise é composto pelas edições do jornal Folha de S.Paulo, especificamente o caderno Ilustrada, correspondentes ao intervalo de janeiro de 2000 a dezembro de 2012.

Conforme sugere Bardin (2004), não foi considerada a totalidade das edições, mas uma amostra, estabelecida de modo aleatório, definida como mês composto. Duarte e Barros (2005) explicam esse formato: “No primeiro caso, escolhe-se no calendário, a semana que servirá como referência inicial e, dentro dessa semana, o dia em que se deseja começar a análise, geralmente uma segunda-feira. Na semana seguinte, o dia escolhido será terça-feira, na semana posterior a quarta-feira e assim por diante, até chegar à sétima semana, que inclui o domingo”. Foram, portanto, analisadas 12 edições do jornal, cada uma delas correspondente a um dos 12 anos do intervalo, sendo que para sua definição começamos da seguinte forma: a primeira edição analisada foi a da primeira segunda-feira do mês de janeiro de 2000; a segunda edição foi a da segunda terça-feira do mês de fevereiro de 2001 e assim sucessivamente até a última edição referente ao mês de dezembro de 2012.

A coleta foi realizada no site do jornal, onde foram acessadas as edições impressas



dispostas em arquivo digital. Ao longo da pesquisa, consideramos relevantes também proceder a uma análise de edições impressas de um intervalo de 40 dias consecutivos, de modo a observar a frequência do gênero crônica no caderno Ilustrada e melhor observar suas características. O referido intervalo compreende todas as edições da Ilustrada publicadas entre 12 de julho e 219 de agosto de 2012.

Para a análise dos dados, foi adotada a análise categorial proposta por Bardin (2004). As categorias foram definidas a partir das características atribuídas ao gênero crônica por Marques de Melo (2003).

Sobre a crônica e suas características

A crônica, gênero que está entre o jornalismo e a literatura, é considerada por muitos autores (e cronistas) como o mais brasileiro dos gêneros jornalísticos. Conforme Santos (2007) a crônica permite ao narrador a liberdade total e criativa de relatar um fato, detalhes ou um simples acontecimento do cotidiano. Ainda conforme o autor: (...) a crônica está no detalhe, no mínimo, o escondido, naquilo que aos olhos comuns pode não significar nada, mas puxa uma palavra daqui, “reminiscência clássica” dali, e coloca-se de pé uma obra delicada de observação absolutamente pessoal. O borogodó está no que o cronista escolhe como tema. (SANTOS, 2007, p.17)

Segundo Melo (2003), a crônica jornalística possui duas características básicas: fidelidade ao cotidiano e crítica social, “(...) tomando a crônica a feição de relato poético do real, situado na fronteira entre a informação de atualidade e a narração literária (...)” (MELO, 2003, p. 111). Este gênero surgiu no Brasil em um tempo que escritores aceitavam trabalhar nas redações para receber um salário fixo – os meios de comunicação pagavam pouco, mas era um salário garantido – e para conseguir uma visibilidade maior entre os leitores, a crônica era a opção para quem pretendia escrever sobre a atualidade, mas não queria deixar de lado as características literárias e o seu estilo próprio. Com isso, nasce uma geração de autores que teve na crônica, a sua forma de fazer jornalismo, sendo que o exemplo mais notório é o de Machado de Assis.



Atualmente, o conceito de crônica jornalística se difere da praticada por Machado de Assis. A crônica moderna necessita acompanhar a realidade e a mudança constante das notícias. É necessário ao cronista que esteja sempre atento às próprias notícias que estamparão as páginas dos jornais para que não haja distanciamento entre as crônicas e as matérias jornalísticas. “Se a crônica de costume se valia do real (fatos ou idéias do momento) simplesmente como ‘deixa’ ou como inspiração para um relato poético ou para a descrição literária, a crônica moderna assume a palpitação e a agilidade de um jornalismo em mutação” (Melo, 2003, p. 115). Sobre a singularidade do gênero na prática jornalística brasileira, Micheletti explica que ela se caracteriza por ser:

(...) uma composição breve publicada em jornal e revista que, embora relacionada com a atualidade, possui elementos poéticos e ficcionais. Ela pode, assim, refletir de maneira poética, e às vezes irônica, o imaginário coletivo presente no cotidiano de nossas vidas. Entretanto, como não quer ser uma mera reprodução dos fatos, usa recursos próprios da literatura para expressar-se: diálogos, alegorias, versos, personagens típicos, metáforas, analogias. Além do estilo, a criação é visível também nos recursos lingüísticos usados na crônica, na estrutura e temporalidade próprias (MICHELETTI, 2012, p. 36).

Há várias classificações possíveis para o gênero. Nesta pesquisa, adotamos as proposições de José Marques de Melo. O autor afirma que a crônica, normalmente, obedece às seguintes características: a) Fidelidade ao cotidiano, pela vinculação temática e analítica que mantém em relação ao que está ocorrendo, aqui e agora; pela captação dos estados emergentes da psicologia coletiva; b) Crítica social implícita, entrando a fundo no significado dos atos e sentimentos do homem.

Adotamos, a partir de Melo (2003), a classificação proposta por Luis Beltrão que caracteriza a crônica, conforme o tema em: a. Crônica geral - trata de assuntos variados ocupando espaço fixo no jornal; b. Crônica local - conhecida como urbana, trata de assuntos do cotidiano captando as tendências da opinião pública; c. Crônica Especializada – focaliza assuntos referentes a um determinado campo de atividade (como esporte e cultura, por exemplo).

Quanto à forma do texto propriamente dito, a crônica jornalística parte dos



acontecimentos diários, “dos fatos menores do cotidiano, apresentando-se, muitas vezes, como um discurso do tipo relato, quase notícia; outras, com um tom opinativo e, quase sem pre, com algumas pitadas de humor, ironia ou lirismo, construindo-se com referências a outros textos, especialmente os da tradição literária”. (MICHELETTI, 2012, p. 36)

Estas são as características norteadoras da pesquisa a ser realizada, bem como a análise quanto aos temas/assuntos priorizados pelos cronistas e, deste modo, as memórias que estão preservando, a história cotidiana que estão registrando.

A crônica, como se vê, é um gênero híbrido. Costuma ser definida nos livros sobre história literária como sendo um gênero literário produzido essencialmente para ser veiculado em revistas ou jornais, o que reafirma seu caráter interdiscursivo ou pelo menos interdisciplinar. Isso se deve em parte à sua história uma vez que o gênero nasceu, no Brasil, efetivamente nos jornais, sendo publicada conjuntamente aos folhetins nos rodapés dos jornais ao longo do século XIX (MARQUES DE MELO, 2003).

A crônica é espaço privilegiado para a invenção e a criatividade, diferenciando-se de outros gêneros jornalísticos mais descritivos e informativos, como a notícia. “Portanto, a crônica determina novas relações com os gêneros jornalísticos, não se limitando a informar ou opinar; mas construindo novos significados na própria articulação entre várias linguagens que o cronista exercita para explicar as representações de seu mundo ao leitor”. (PEREIRA, 2004, p.32). Neste sentido, como afirmam Rosseti e Vargas (2006), a crônica jornalística torna-se um objeto privilegiado para o estudo da criação e seus processos, “constituindo um campo fecundo para a investigação da questão da criação na área do jornalismo”.

Embora a crônica esteja presente em várias editorias e espaços do jornal, normalmente, seu principal espaço está nos cadernos e revistas culturais. Conforme MICHELETTI (2012) isso ocorre “pelas próprias características dessa área do jornalismo que,



50 anos do Golpe Militar de 64

*"A história que a mídia faz,
conta ou não conta"*

normalmente, trabalha menos com a urgência do fato e mais com as interpretações e análises dos eventos culturais e artísticos”. A autora ainda afirma que é mais usual encontrar a crônica no espaço destinado ao jornalismo cultural “pela histórica vinculação deste com a literatura, com a criatividade do texto e a mescla de gêneros”.

A escolha por analisar a crônica veiculada em um caderno cultural ocorreu por conta desses fatores e também porque, conforme afirma Piza (2004), as seções culturais dos grandes jornais brasileiros estão entre as páginas mais lidas e apreciadas.

Resultados encontrados

Em praticamente todas as edições, a crônica está localizada na parte superior da contracapa do caderno Ilustrada, com metade do espaço da folha. O título da crônica está em cor preta, localizado no centro da página, acima do nome do cronista que fica em caixa alta, de cor azul, acima da ilustração colorida que encontra-se centralizada, no meio do texto, com fonte em itálico, dividido em colunas. Abaixo da ilustração central, encontra-se um “olho”, de poucas linhas, quatro ou três na maioria das vezes, com formatação em negrito.

A crônica sempre teve espaço fixo nas seções culturais de jornais e revistas brasileiros e, portanto, é modalidade inegável do jornalismo cultural brasileiro. Ela desempenha o papel de atrair a leitura para o jornalismo, produzida por híbridos de jornalista e escritor, caso que acontece no segundo caderno do Jornal Folha de S. Paulo.

Nas 39 edições impressas foram encontradas 41 crônicas. Os dias 14/08/12 (terça), 07/08/12 (terça) e 18/07/12 (Quarta) não possuem crônica, porém nos dias 19/08/12 (Domingo), 15/08/12- (Quarta), 12/08/12 (Domingo), 05/08/12 (Domingo) e 29/07/12 (Domingo) possuem 2 crônicas por edição. O quadro a seguir evidencia os cronistas que escreveram nesse período:

Quadro 1 – Total de crônicas por autor

Cronista	Total de crônicas
Álvaro Pereira Júnior	3
Contardo Calligaris	6
Carlos Heitor Cony	5
Drauzio Varella	3
Fernanda Torres	1
João Pereira Coutinho	3
Luiz Felipe Pondé	5
Marcelo Coelho	4
Mauricio Stycer	5

No período analisado, de 12/07/12 a 19/08/12, dez colunistas escreveram suas crônicas no segundo caderno, intitulado Ilustrada. Entre todos, apenas três são efetivamente graduados em jornalismo, Álvaro Pereira Júnior, Mauricio Stycer e Carlos Heitor Cony. Os outros sete, se intitulam colunistas, cronistas, escritores e jornalistas por paixão. Entre as profissões que exercem, encontra-se o repertório mais variado possível: psicanalistas, médicos, poetas, filósofos, economistas, atores, entre tantas outras.

No período desta análise, a única pessoa que publicou apenas uma crônica foi Fernanda Torres. Atriz e colunista da Folha desde 2010. Escreve aos sábados, a cada duas semanas, na versão impressa do caderno Ilustrada. Na crônica publicada, ela conta a história da revista Piauí, e do jeito que conseguiu se popularizar de forma indireta, mesmo estando muitas vezes em uma encruzilhada econômica. A massificação da arte e da informação seduz quem produz e consome peças, livros, jornais e filmes.

Em todas as crônicas analisadas foi confirmada a característica apontada por Marques de Melo (2003) de fidelidade ao cotidiano, tanto nas 12 crônicas referentes ao intervalo de 2000 a 2012 quanto nos 40 dias de análise impresso. Já a segunda característica apontada pelo autor – crítica social embutida – os resultados podem ser visualizados no



50 anos do Golpe Militar de 64

"A história que a mídia faz,
conta ou não conta"

quadro disposto a seguir:

CRÍTICA SOCIAL IMPLÍCITA	SIM	NÃO	TOTAL DE CRÔNICAS
EDIÇÕES IMPRESSAS	18	24	42
EDIÇÕES ONLINE	2	8	10

Os resultados apontam para a significativa presença da crônica no caderno Ilustrada, reforçam seu caráter textual híbrido, haja vista a diversidade de autores, formação destes e os temas abordados. Tanto no período de 2000 a 2012 quanto nos 40 dias em que o caderno foi analisado em sua versão impressa, pode-se perceber que o gênero crônica mantém a característica apontada por Marques de Melo (2003) de ser fiel aos eventos cotidianos.

Percebeu-se, porém, que a outra característica apontada pelo autor – a crítica social implícita – praticamente não figurou nos dois períodos analisados, apontando para mudanças no gênero.

Referências

ABIAHY, Ana Carolina de Araújo. O jornalismo especializado na sociedade da informação. **Revista BOCC**. Disponível em: www.bocc.upi.pt Acesso em 04/03/2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em**



50 anos do Golpe Militar de 64

"A história que a mídia faz,
conta ou não conta"

comunicação. São Paulo: Atlas, 2005.

HOELTZ, Mirela. Design Gráfico - dos espelhos às janelas de papel. **Revista BOCC** - Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2001. Disponível em:
<http://bocc.ubi.pt/pag/hoeltz-mirela-design-grafico.html>. Acesso em 25/04/2012.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo Opinativo**. 3. Ed. São Paulo: Mantiqueira, 2003.

MERINO, Eugênio. Design e Ergonomia. **ABC Design**. 21.08.2009. Disponível em
<<http://abcdesign.com.br/porassunto/artigos/design-e-ergonomia/>>.

MICHELETTI, Guaraciaba. Discurso, memória e sentido da crônica jornalística.
Leitura: Linguagens, Representações e Práxis. Coleção Mestrado em Linguística.
Disponível em:
<http://publicacoes.unifran.br/index.php/colecaoMestradoEmLinguistica/article/viewFile/424/350>. Acesso em 12/06/2012.

PEREIRA, W. **Crônica:** a arte do útil e do fútil. Salvador: Calandra, 2004.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004

ROSSETTI, Regina; VARGAS, Herom. A recriação da realidade na crônica jornalística brasileira. **UNIrevista** - Vol. 1 , nº 3, julho 2006.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. (Org.) Introdução. In: **As cem melhores crônicas brasileiras**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

ZANINI, Tássia Caroline. Estratégias e formação de repertório no jornalismo visual: um estudo da cor-informação. Disponível em: <http://celacom.fclar.unesp.br/pdfs/82.pdf>. Acesso em 25/04/2013